

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 140
JAN./MAR. 2014 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT **geral@urap.pt**

EDITORIAL

25ABRIL 40ANOS

"25 de Abril
Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo"

Sophia de Mello Breyner Andresen

Era a madrugada que esperávamos, lutando pela Liberdade contra a miséria, a censura, a guerra colonial.

Era a madrugada que esperávamos, lutando para que homens e mulheres saíssem das cadeias onde eram torturados, muitas vezes até à morte. Eram tempos duros os que se viviam. Tempos de emigração em massa – mais de um milhão e meio de portugueses partiram para vários países da Europa –, tempos em que obras de escritores, poetas, artistas, não podiam aparecer à luz do dia, tempos que levavam a nossa juventude para longe, onde iam lutar numa guerra que não era sua.

A guerra colonial matou mais de 10 mil portugueses, fez mais de 30 mil feridos e muitos milhares de vítimas entre os povos das ex-colónias.

O regime fascista, sustentado pelo domínio dos grandes grupos monopolistas e latifundiários, aliados ao capital estrangeiro, baseou-se numa brutal exploração aos trabalhadores e assentou num grande atraso económico e social, que fez com que Portugal se tornasse no país mais atrasado da Europa.

Neste ano, comemoramos 40 anos da Revolução de Abril. Revolução que abriu as portas a um processo libertador que, unindo o Povo e o Movimento das Forças Armadas, desencadeou grandes transformações no nosso país com as nacionalizações de sectores básicos e estratégicos da economia, com a Reforma Agrária e com o apoio aos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais.

Revolução que consagrou direitos dos trabalhadores: à greve, à contratação colectiva, à liberdade sindical, ao salário mínimo, ao subsídio de desemprego, aos subsídios de férias e de Natal.

Revolução que promoveu o direito à saúde, ao ensino, à generalização de reformas e pensões, aos direitos das mulheres e dos jovens.

Revolução que impulsionou a cultura, que promoveu a alfabetização.

Revolução que, chamada dos cravos, tornou claro e feliz, um país cinzento e triste.

A URAP vai de novo, neste 25 de Abril, participar e apelar aos sócios para que participem nas Comemorações Populares, mas antes disso vai promover uma sessão cultural que marcará o início das comemorações, bem como exibir por todo o país uma exposição alusiva ao tema.

Mas vai também organizar, em muitas escolas, debates sobre o que foi o fascismo e a resistência. Será o nosso contributo para que os jovens conheçam a realidade histórica dos anos da ditadura e da luta dos portugueses pela liberdade.

Ao mesmo tempo, será um incentivo para que os jovens lutem, ensinando-lhes que vale a pena, mesmo que o futuro seja tão negro como nestes tempos em que o governo tudo faz para apagar Abril e as suas conquistas.

40 ANOS DE ABRIL - págs. 7 e 8
A URAP iniciou, no passado dia 15, as comemorações dos 40 anos da Revolução de Abril, com uma emotiva sessão pública realizada em Lisboa.

ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP - págs. centrais

FUGA DE PENICHE - pág. 3

CONGRESSO DA FIR - pág. 6

Por isso, comemorar Abril é também uma forma de luta e de resistência, uma demonstração de que o povo exige uma mudança desta política, que ponha fim a este insuportável agravamento das condições de vida de milhões de trabalhadores, de reformados e pensionistas, de jovens que vêe m que o seu país lhes fecha as portas do futuro.

O caminho está a ser muito difícil, mas a resposta dos trabalhadores e das populações tem-se feito sentir por todo o país: as manifestações contra o desemprego e o empobrecimento do povo, as múltiplas pequenas e médias acções à porta das empresas em defesa dos postos de trabalho, contra o encerramento de centros de saúde, de escolas e de serviços públicos em geral.

Há quem não desista e não baixe os braços. É nestas situações que é tão necessária a unidade de todos aqueles que não se resignam perante esta tremenda ofensiva. Com a sua unidade e a força do Povo, Abril há-de vencer.

Marília Villaverde Cabral

AVEIRO, 40 ANOS DEPOIS

A URAP evocou, no dia 22 de Novembro, os 40 anos do III Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro em 1973. Na mesa da sessão, que decorreu no Clube Estefânia, em Lisboa, encontravam-se o almirante Martins Guerreiro, Hélder Madeira, Vítor Dias e Levy Baptista, presidente da mesa da Assembleia-geral da URAP. Intervieram na cerimónia três participantes nesse histórico congresso: o almirante Martins Guerreiro, Vítor Dias e Encarnação Raminho, actualmente dirigente URAP. Perante uma vasta assistência, tomaram a palavra outros resistentes antifascistas, como Aurélio Santos, Domingos Abrantes, João Neves, Rodrigo de Freitas, José da Encarnação e Glória Marreiros.

O Congresso de Aveiro reuniu, de 4 a 8 de Abril de 1973, cerca de quatro mil opositores ao regime fascista, de vários sectores ideológicos, tendo sido um momento importante da luta contra a ditadura, que seria derrubada um ano depois. Ficou marcado pelas cerca de duas centenas de teses apresentadas, muitas delas colectivas, e por uma brutal carga policial nas ruas, quando da romagem ao túmulo do antifascista Mário Sacramento.



URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

LEMBRAR O 18 DE JANEIRO

A Marinha Grande é uma terra de muitas e valorosas lutas e o núcleo local da URAP lembrou a revolta de 18 de Janeiro de 1934, que visou contestar a ofensiva fascista contra os sindicatos livres. Na Marinha Grande, foram os operários vidreiros que, há 80 anos, encetaram um movimento de insurreição, contestando a fascização dos sindicatos, tendo chegado a tomar o poder na vila durante algumas horas.

A este propósito, o núcleo da URAP divulgou um comunicado evocativo desta efeméride, com expressão na imprensa local. No dia 17, realizou-se um jantar evocativo, promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira, ao qual o núcleo a URAP se associou.



HISTÓRIA NA PRIMEIRA PESSOA

Resultante de uma colaboração entre a URAP e a Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira, no Seixal, Álvaro Pato e Clara Pato – o primeiro ex-preso político e a segunda filha de Carlos Pato, assassinado pela PIDE na prisão, em 1950 – participaram em duas sessões com estudantes a propósito dos 40 anos da Revolução de Abril. Estas iniciativas englobam-se num programa mais vasto de comemorações, da escola e do município do Seixal, que entre outras facetas inclui a elaboração de um Jornal Interescolar. Denominado «25 de Abril, 40 anos depois», o jornal publicará entrevistas feitas por alunos a familiares.

A publicação será lançada no dia 23 de Abril e, no dia 29, realizar-se-á o encontro final da iniciativa, que contou com alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos. Relacionado com o projecto, a escola estabeleceu uma parceria com a escola de los Murgados, na Coruña.

FORTE DE PENICHE ALBERGA EXPOSIÇÃO

A URAP, a Câmara Municipal de Peniche e o Partido Comunista Português celebraram um protocolo que visou a permanência, no Forte de Peniche, durante um ano de uma exposição intitulada «Forte de Peniche, local de repressão, resistência e luta». A inauguração decorreu dia 3 de Janeiro passado, na Fortaleza de Peniche, e contou com as intervenções do membro da direcção da URAP e ex-preso político, José Pedro Soares, do presidente da Câmara Municipal, António José Correia, e de José Capucho, em representação do Partido Comunista Português.

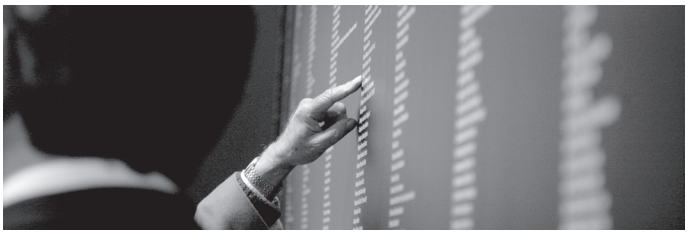
Ao longo de duas salas – que se vêm agora somar aos restantes espaços do Forte que servem já de testemunho histórico: as celas, o parlatório e o segredo –, a exposição conta a história desta cadeia desde 1934 até ao 25 de Abril, uma história carregada de violência e arbitrariedade que transpunha os muros da prisão e se estendiam a toda a população de Peniche, permanentemente vigiada e controlada pela PIDE, que dirigia a cadeia. A história da prisão do Forte de Peniche revela, e a exposição valoriza igualmente, a resistência dos presos e as lutas que travaram por melhores condições de higiene e alimentação e contra os maus tratos de que eram vítimas.

O dirigente da URAP que falou na cerimónia, José Pedro Soares, referiu esse mesmo facto e salientou que a fortaleza de Peniche foi um «local de encarceramento de muitos dos mais determinados e consequentes lutadores antifascistas». José Pedro Soares destacou ainda o protocolo estabelecido entre a URAP e a Câmara Municipal de Peniche, que «já permitiu realizar o levantamento e identificação dos cerca de 2500 presos que passaram pela cadeira do Forte de Peniche», trabalho que ainda não está concluído.

Na parede de uma das salas encontram-se inscritos os nomes de 2487 resistentes antifascistas que ali estiveram presos, nomeadamente o de Álvaro Cunhal, cujo centenário se assinalava também naquela iniciativa, sendo-lhe um dos painéis da exposição exclusivamente dedicado.

O presidente da Câmara, António José Correia, por seu lado, manifestou a intenção do município de «divulgar o que se passou, para que não se volte a passar», lembrando que a exposição estará patente durante todo o ano de 2014 – ano em que se cumprem os 80 anos da passagem do forte de Peniche a prisão política e os 40 anos da Revolução de Abril.







FUGA DE PENICHE RECRIADA 54 ANOS DEPOIS

Após a cerimónia, um grupo de teatro dirigido por Fernanda Lapa recreou a fuga da cadeia de Peniche levada a cabo por Álvaro Cunhal e mais nove militantes comunistas, em 3 de Janeiro de 1960.

A representação foi fidedigna: onze elementos da Associação Espeleológica de Óbidos representaram os dez militantes comunistas e o guarda da GNR e desceram, através de um lençol, a muralha da fortaleza da Peniche. Saltaram uma última muralha e dividiram-se pelos carros que os esperavam e que os levariam aos locais previamente preparados para os receber.

Não foi só a descida das muralhas que foi recriada. No interior de uma tenda instalada junto à muralha, os momentos anteriores foram dramatizados por um grupo de jovens actores, que mostraram os últimos instantes do jantar dos dez presos que, momentos depois, levariam por diante a fuga. Do mesmo modo, o domínio do guarda, adormecido com clorofórmio com todos os cuidados para que não sufocasse, e a saída pelos corredores da prisão, auxiliados pelo guarda Jorge Alves.

Para além da recriação da fuga, houve ainda um momento de poesia e as intervenções do presidente da Câmara Municipal, António José Correia, e de Albano Nunes, do Secretariado do Comité Central do PCP. Durante a representação, a actriz Maria João Luís declamou o poema «A Hora das Gaivotas» de João Monge.

Para além de evocarem a corajosa fuga de 3 de Janeiro de 1960, estas iniciativas foram também uma forma de homenagear os milhares de presos políticos encarcerados no Forte de Peniche ao longo de 40 anos.

ASSEMBLEIA-GERAL DA UI

Os contactos com alunos e professores de escolas através de encontros e colóquios para divulgação do período fascista e da luta desenvolvida até ao 25 de Abril tem sido uma constante na actividade da URAP. Quem o diz é a coordenadora da organização, Marília Villaverde Cabral, que encerrou a Assembleia-geral ordinária realizada dia 22 de Fevereiro passado, em Lisboa, na Biblioteca-Museu República e Resistência.

Convocada para apreciação e votação do Relatório de Actividades do ano 2013 e apreciação e votação do parecer do Conselho Fiscal sobre o Relatório de Contas do mesmo ano, a assembleia, dirigida pelo presidente da Assembleia-geral, Levy Baptista, traçou ainda os pontos principais que vão reger a actividade futura.

«O Conselho Directivo considera (…) que para além da participação nas Comemorações Populares, a URAP deverá ter uma actividade própria, nestes 40 anos da Revolução de Abril. Assim, vamos ter uma exposição para as escolas e outras organizações que nos solicitem», disse Marília Villaverde Cabral.



INTENSA ACTIVIDADE

Coube a Encarnação Raminho, membro da direcção, fazer um apanhado geral da actividade da URAP em 2013. Salientou a romagem ao Mausoléu dos Resistentes Antifascistas Mortos no Tarrafal, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa; a homenagem promovida pela autarquia de Vila Franca de Xira ao tarrafalista Josué Romão Martins, em Alverca; a celebração do 97.º aniversário de José Barata, último marinheiro tarrafalista vivo da Revolta dos Marinheiros, de 1936, e a representação da URAP no 77.º aniversário da Revolta dos Marinheiros comemorado no Feijó, Almada. Ao mesmo tempo, a URAP elaborou e distribuiu uma brochura intitulada «Tarrafal Nunca Mais». Organizou ainda palestras e sessões evocativas do 25 de Abril nas escolas secundárias, como já foi referido, que contaram com a participação de ex-presos políticos e outros resistentes antifascistas. A esta actividade de grande importância juntaram-se sessões sobre o centenário do nascimento do herói da resistência Álvaro Cunhal.

A URAP fez uma segunda renovação da assinatura do Protocolo de Colaboração com a Câmara Municipal de Peniche, em que consta o projecto «Memorial aos presos políticos, encarcerados no Forte de Peniche». Actualmente, está patente no forte uma exposição, durante um ano, em que se podem ver o nome dos presos que ali passaram durante o fascismo. A exposição foi já visitada por muitas escolas e núcleos da URAP.

A URAP esteve ainda presente no acampamento «Juventude pela Paz», em Avis, e integrou o Comité Nacional Preparatório do 18.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Quito, Equador.

RAP BALANÇO E PERSPECTIVAS

Comemorou o 40.º aniversário do III Congresso da Oposição Democrática de Aveiro, com o lema «O Portugal de Ontem e de Hoje nas Comemorações do III Congresso de Aveiro». Participou no XVI Congresso da FIR, em Sófia, Bulgária, com a presença de dois dirigentes.
Organizou ainda uma sessão de homenagem à antifascista Maria Isabel Aboim Inglês.



MÚLTIPLAS TAREFAS

Na Assembleia-geral, usaram ainda da palavra Luís Figueiredo, sobre as actividades do núcleo de Santa Iria da Azóia; Maria José Ribeiro, sobre o trabalho do núcleo do Porto; Ivo Serra, sobre a participação na reunião do XVI Comité Executivo da FIR; Ana Pato, sobre o boletim da URAP e a página na Internet; Ercília Talhadas sublinhou a importância de homenagear os resistentes e Celestina Leão fez referência à discriminação de que eram alvo as crianças filhas de presos políticos.
Na reunião do órgão máximo da URAP participaram cerca de 40 pessoas. O Relatório de Contas foi lido por Diamantino Torres, do Conselho Fiscal, na ausência do presidente, Álvaro Almada Contreiras.





QUOTAS, UMA QUESTÃO DECISIVA

Diamantino Torres, do Conselho Fiscal, interveio na assembleia para salientar a importância que assume o pagamento da quotização e a actualização do seu valor no reforço da intervenção da URAP. Tendo em conta o crescimento verificado nos últimos anos, ao nível da actividade, e a assunção de maiores responsabilidades, a URAP necessita urgentemente de aumentar significativamente as suas receitas. A contribuição de cada um dos sócios é, pois, uma questão central.
O dirigente da URAP terminou expressando a sua convicção de que são os sócios e amigos da URAP que hão-de contribuir para a sua solidez, «que tão indispensável é para a luta que hoje se trava no nosso país, na Europa e no mundo em defesa da liberdade e impedindo o regresso do fascismo».

FIR REALIZOU XVI CONGRESSO NA BULGÁRIA



O XVI Congresso da Federação Internacional de Resistentes-Associação Antifascista (FIR), que decorreu sob o lema «Na tradição pela luta antifascista, pela paz, direitos democráticos e sociais, activos contra o neofascismo, o racismo e as raízes do fascismo», juntou 45 delegados de vários países europeus, a fim de debaterem a actividade nos últimos três anos, analisarem a actualidade internacional e a luta antifascista e pela paz.
A URAP, membro da FIR, fez-se representar em Sófia, Bulgária, pelos membros do Conselho Directivo Ivo Serra e José Pedro Soares, este último ex-preso político.

Durante os trabalhos, que ocorreram em 5 e 6 de Outubro passados, ficou claro que a FIR existe graças à actividade das organizações filiadas no contexto de cada país, bem como pelo contacto regular entre estas.

Destaque para o regresso de duas organizações ao seio da FIR – a Associação dos Combatentes pela Liberdade da República Checa e a Associação Nacional Partizans Italianos. Os representantes da URAP estabeleceram contacto com as organizações que recentemente aderiram à FIR, assim como estreitaram e reforçaram as relações já criadas com as organizações amigas.

Travar o passo ao fascismo

O presidente da FIR, o húngaro Vilmos Hanti, fez um balanço da actividade desenvolvida e referiu a importância das acções antifascistas realizadas, nomeadamente as comemorações da vitória em Stalinegrado, ponto de viragem na II Guerra Mundial e passo decisivo para a derrota do nazifascismo. As dificuldades financeiras da FIR, que não permitem a participação em todas as iniciativas para as quais é solicitada, nomeadamente na América Latina, foram também lembradas pelo presidente e pelo secretário-geral.

Hanti salientou a necessidade de luta contra as políticas de direita, vigentes no continente europeu, fazendo ainda forte referência ao branqueamento do fascismo enquanto estratégia vigente por toda a Europa.

As resoluções políticas apresentadas foram aprovadas por unanimidade. A par das resoluções previamente expostas, foram aprovadas mais três: uma pela libertação de cinco presos cubanos; outra propondo que o governo grego exija à Alemanha o pagamento da compensação pela destruição da Grécia na II Guerra Mundial; e uma última de solidariedade com o presidente da FIR que foi agredido no seu país, a Hungria, não tendo até agora o governo identificado os agressores.

Procedeu-se à eleição do novo corpo directivo. Os presidente e secretário-geral, respectivamente, Vilmos Hanti (Hungria) e Ulrich Schneider (Alemanha) foram reeleitos e foram eleitos quatro novos vice-presidentes: Christos Tzintsilonis (Grécia), Piet Schouten (Holanda), Marcello Basso (Itália) e Michail A. Moiseev (Rússia).

Homenagem a Georgi Dimitrov

Particularmente emotiva foi a visita promovida pela União Antifascista da Bulgária ao local de nascimento e ao túmulo de Georgi Dimitrov, destacado resistente antifascista e dirigente da Internacional Comunista.

Nascido em 1882, tipógrafo de profissão, Dimitrov foi um dos líderes da insurreição de 1923 na Bulgária. Após o esmagamento da revolta, foi para o exílio passando a trabalhar na Internacional Comunista. Em 1933, foi preso na Alemanha, acusado pelos nazis de incendiar o Reichstag, crime que eles próprios cometeram. A sua defesa em tribunal – difundida dentro e fora da Alemanha – tornou-se numa firme acusação do nazifascismo e dos seus crimes, bem como uma corajosa defesa dos ideais do socialismo. A firmeza com que enfrentou os carrascos nazifascistas não deu a estes últimos outra hipótese que não a sua libertação.

Eleito secretário-geral da Internacional Comunista em 1934, notabilizou-se pelo desenvolvimento da táctica da Frente Popular Antifascista, aprovada no célebre VII Congresso da IC. Depois da Guerra e da libertação da Bulgária pelo Exército Vermelho, Dimitrov retomou ao seu país sendo eleito deputado e, a nível partidário, Secretário-geral do Partido Comunsita Búlgaro. Morreu em 1949.

A delegação portu-guesa visitou ainda o monumento à libertação da Bulgária, que é ao mesmo tempo um monumento de homenagem aos soldados soviéticos na luta conta o exército nazi.



URAP INICIOU COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL COM SESSÃO CULTURAL EM LISBOA

O coro Juvenil da Universidade de Lisboa acabou a sua magnífica actuação a cantar o «Acordai», canção *emblemática* com música de Fernando Lopes Graça e poema de José Gomes Ferreira, como lhe chamou a maestrina Erica Mandillo. O auditório explodiu em palmas. Simbolicamente, Erica Mandillo convidou o maestro do Coro Lopes Graça, José Robert, presente na sala, a dirigir a canção, que termina assim: «Acordai/ acendei/ de almas e de sóis/ este mar sem cais/ nem luz de faróis/ e acordai depois/ das lutas finais/ os nossos heróis/ que dormem nos covais/ Acordai!»



Toda a sessão com que a URAP iniciou as comemorações do 25 de Abril, realizada a 15 de Março no Auditório Camões, em Lisboa, foi, para além de uma homenagem à Revolução dos Cravos, um veemente apelo aos antifascistas e democratas para que «acordem» e lutem para que não se percam as conquistas de Abril. «Os derrotados no 25 de Abril conseguiram, pouco a pouco, com poderosas ajudas internas e externas, avançar na destruição do que o povo tinha conquistado», disse Marília Villaverde Cabral, a coordenadora da URAP, que abriu a sessão.

«Chico Buarque, que no seu Brasil, dominado pela ditadura fascista, dedicou uma linda canção a Portugal, cantou mais tarde "já murcharam a vossa festa pá". É verdade. Murcharam a festa. Mas ele disse também uma coisa muito importante: "certamente esqueceram uma semente nalgum canto de jardim". Não foi uma, mas muitas sementes deitadas a esta terra que é nossa e num Abril mais próximo ou mais longínquo hão-de florir, de novo, os cravos vermelhos, símbolo da vontade do nosso povo», acrescentou.

O grupo de músicos animadores Farra Fanfarra tinha acabado de tocar o Hino do MFA, enquanto passavam cenas da época da Revolução, como a saída dos presos de Caxias ou a rendição de Marcello Caetano no Largo do Carmo.

Outro momento alto do espectáculo foi o quarteto Ensemble Concordis (Ana Margarida Sanmarful, Ana Sofia Sequeira, Maria José Brito Barriga e Abel Carvalho) que brindou os presentes com uma pequena peça de Vivaldi e outra de Manuel de Falla e lembrou José Afonso tocando algumas das suas mais conhecidas canções.

Zeca Afonso e Ary dos Santos estariam, aliás, presentes várias vezes. Samuel, que encerrou a sessão com «Gracias a la Vida», da chilena Violeta Parra, não se esqueceu da «Morte saiu à Rua» que relata o assassinato de José Dias Coelho, militante comunista na clandestinidade. Este músico do «Canto Livre» recordou, entre outros, Adriano Correia de Oliveira com a canção tradicional «Lira», e o poeta António Gedeão com «Fala do Homem Nascido».

A poesia teve também lugar neste espectáculo, que encheu por completo o auditório. Numa homenagem a Ary dos Santos, o actor de teatro André Levy declamou «As Portas que Abril Abriu», que dedicou «aos resistentes antifascistas anónimos».

O poema dito pelo alentejano Francis Raposo Ferreira falou-nos do sonho e a animadora cultural Isa Ferreira pôs a tónica no desemprego de que neste momento é vítima e que é igualmente o flagelo de muitos portugueses.
Foi bonita a festa, pá.







URAP ASSINALA 40 ANOS DE ABRIL
EVOCAÇÃO, MEMÓRIA E LUTA

A URAP participa activamente nas comemorações populares do 25 de Abril, no ano em que se comemoram 40 anos deste que é o mais luminoso acontecimento da já longa história nacional. Nos desfiles populares de **Lisboa** e do **Porto**, no próprio dia 25, a URAP – que é uma das entidades promotoras de ambos – participa com delegações próprias: em Lisboa, o ponto de encontro de todos os núcleos e activistas da Grande Lisboa é às 14h30 junto à sede do Diário de Notícias (no início da Avenida da Liberdade); no Porto é 15 minutos antes, ao pé do palco da homenagem aos resistentes, em frente à antiga sede da PIDE, na Rua do Heroísmo.

25ABRIL
40ANOS

Um pouco por todo o País, a URAP participa nas comemorações populares promovidas por plataformas unitárias que incluem autarquias, sindicatos, colectividades e associações cívicas de vários âmbitos de actuação. No caso da Marinha Grande, foi precisamente o núcleo da URAP que tomou a iniciativa de constituir uma Comissão Unitária das Comemorações do 25 de Abril no concelho. Esta comissão já redigiu um manifesto, que servirá de mote às comemorações, e anunciou um programa de actividades, do qual consta uma exposição, uma homenagem do Clube dos Músicos da Marinha Grande a Adriano Correia de Oliveira e um debate sobre «A luta pela democracia: ontem, hoje e amanhã».

No Porto, o núcleo da URAP decidiu, num plenário realizado no início de Fevereiro, integrar a comissão das comemorações populares e também realizar acções próprias. Entre estas, destacam-se as acções em curso pela implementação do projecto «Do Heroísmo à Firmeza – percursos na memória da casa da PIDE no Porto: 1930-1974», que tem como objectivo a instalação de um memorial à resistência antifascista no edifício que foi sede da PIDE no Porto, como tributo às milhares de vítimas do fascismo. Esta reclamação dá inclusivamente o mote a um abaixo-assinado.

Para além da sessão do passado dia 15, em Lisboa (ver página 7), que inaugurou a exposição «25 de Abril ontem e hoje: evocação, memória e luta» (que poderá ser solicitada para exibição), a URAP comemorará Abril com sessões e palestras de antifascistas nas escolas e com visitas à fortaleza de Peniche.



Paga a tua quota, apoia a URAP

A **URAP** necessita, para prosseguir e intensificar a sua actividade, do apoio de todos. Pagar a quota, se possível actualizando o seu valor, é essencial para que a **URAP** continue a crescer e a afirmar-se na sociedade portuguesa. Os sócios poderão pagar a sua quota na sede da **URAP**, nos seus núcleos ou através de transferência bancária para o **NIB 0007 0021 0014 3750 0065 3**. Neste último caso, será necessário enviar comprovativo de pagamento para geral@urap.pt ou para o endereço postal.

No próximo número do Boletim da URAP será abordada a situação na Ucrânia e o recrudescimento das forças fascistas e neonazis.